

Mercado preditivo traz novas fontes de receitas

Projeções consideram giro com apostas on-line, cripto e experiências no exterior

Por **Adriana Cotias** — De São Paulo
23/04/2026 05h02 - Atualizado agora



Paiva, da B3: diagnóstico de que era preciso sair da bolha e criar condições para que mais brasileiros invistam — Foto: Silvia Zamboni/Valor

A **B3** dá a largada, na próxima segunda-feira, 27, às negociações no emergente mercado preditivo. Via “home broker”, o mesmo sistema eletrônico em que compra e vende ações, o investidor vai ter acesso a uma oferta que se apresenta mais simplificada no universo dos derivativos, com contratos sobre eventos futuros atrelados ao bitcoin, dólar/real e Ibovespa.

Com a incursão da bolsa, XP, BTG Pactual e outros participantes que em breve vão tirar esse plano da gaveta, analistas já fazem as contas de quanto as instituições podem ganhar com essa nova frente de negócios.

Uma das referências nos cálculos de mercado potencial tem sido emprestada do mercado de apostas, um segmento que teve receitas brutas de R\$ 37 bilhões no ano passado, com 79 empresas autorizadas, e que movimentam de R\$ 20 bilhões a R\$ 30 bilhões por mês, segundo dados compilados pela Tendências Consultoria e pela Peers Consulting + Technology.

Do lado dos investidores, vai ser mais um ambiente que vai testar o apreço do brasileiro pela promessa de lucros instantâneos e, eventualmente, competir pelo orçamento das famílias. Pode trazer implicações para consumo, endividamento e para a construção de reservas financeiras de longo prazo.

No setor financeiro, o mercado preditivo nasce com adaptações do mundo dos derivativos, ainda sem um arcabouço regulatório próprio. Num primeiro momento, as indicações do regulador do mercado de capitais são de que o produto será destinado ao investidor com perfil profissional, com R\$ 10 milhões em patrimônio financeiro ou certificação técnica. O ingresso de plataformas de varejo e da **B3**, no entanto, enseja ambições para um alcance maior, segundo análise do Itaú BBA em relatório recente, e também dos executivos do setor.

O time de pesquisa dedicado a bancos e serviços financeiros, liderado por Pedro Leduc, estima que o mercado preditivo possa trazer receitas anuais de R\$ 200 milhões a R\$ 400 milhões para a XP Inc. na parceria com a Kalshi, anunciada em março, além de rendas com câmbio pela transferência de valores de investidores para a conta global, inicialmente na base da Clear.

“Essa iniciativa serve como um mecanismo duplo para expandir seu mercado endereçável total e antecipar a diferenciação competitiva de potenciais novos entrantes”, escreveu a equipe de pesquisa do Itaú BBA. Além do mercado de “bets”, outra variável que poderia ser usada como referência, aponta, são os futuros de criptomoedas, que geraram cerca de R\$ 126 milhões em receita para a **B3** em 2025.

Nos Estados Unidos, a plataforma de investimentos Robinhood representou cerca de 40% dos volumes da Kalshi no quarto trimestre de 2025, trazendo cerca de US\$ 108 milhões em receita para a empresa no período.

“Isso cria mercado porque os ativos são complementares a outros da B3, a ‘canibalização’ não deve ser relevante”

— Lucas Rabechini

Foi a entrada da Kalshi, que tem a brasileira Luana Lopes Lara como cofundadora, no mercado regulado nos Estados Unidos e o fenômeno Polymarket que incentivaram as corretoras locais e a bolsa a olharem para o segmento, se atendo a temas do universo financeiro, que guarda similaridade com o mercado de opções.

A estreia da **B3** faz parte de uma trilha de entendimento das finanças comportamentais muito ativa nos últimos anos, partindo dos estudos do professor de psicologia e economia comportamental Dan Ariely, segundo Felipe Paiva, diretor de relacionamento com clientes e pessoas físicas da **B3**, buscando formas de trazer novos investidores para a bolsa.

Com cerca de 5 milhões de CPFs em renda variável e 3,5 milhões no Tesouro Direto, o diagnóstico foi de que num país com dimensões continentais era “preciso sair dessa bolha” e criar condições para trazer mais pessoas para “alternativas melhores de investimentos”, despertar a consciência sobre isso, diz Paiva.

“Nessa jornada, a gente começa a ver que o consumidor mudou, ele quer ver, clicar, comprar e acompanhar”, afirma Paiva. “Ninguém mais tem tempo para ficar olhando as coisas numa sexta-feira e só comprar na segunda.” Vale para bens de consumo, música, transporte e também para investimentos.

Uma das iniciativas que buscaram aproximar a experiência digital no mercado de capitais foi o Tesouro Reserva, título público com negociação 24 horas por dia, sete dias por semana, com transferências via Pix, um legado que no tempo pretende ser estendido para o Tesouro Direto como um todo, diz Paiva. A bolsa acertou também com a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) um cadastro mais simplificado de investidores, com nome, celular, CPF e e-mail, a fim de dar a mesma fluidez que o consumidor encontra, por exemplo, nas próprias bets.

Neste contexto, o mercado preditivo nos Estados Unidos passou a ser referência de como pode ser “uma porta de entrada para mais pessoas acessarem um novo tipo de produto”, que envolve impacto de preço ao juntar partes que querem precificar algo, diz Paiva. “Se a decisão do Copom vai impactar o ambiente macro ou o micro, em que o juro mais alto ou mais baixo vai afetar uma empresa, ou nas commodities, se determinada ação vai sofrer algum impacto da economia, por que não ser precificada e as pessoas investirem nesse evento?”

As opções de Copom já vêm sendo negociadas desde 2020 e têm boa liquidez entre o público institucional, mas algumas corretoras colocaram a alternativa para a pessoa física. Um ano atrás, a bolsa diminuiu o tamanho do contrato em 100 vezes, com o investimento mínimo passando de R\$ 10 mil para R\$ 100. Nele, o investidor decide se a taxa Selic vai ser mantida, reduzida ou elevada, e em que proporção.

O cardápio da bolsa vai incluir a partir de agora contratos de eventos sobre o Ibovespa, dólar e bitcoin à vista e futuros dos míni de índice e dólar e do bitcoin. Nessas alternativas, o investidor vai negociar a probabilidade de ocorrência por meio do preço do contrato, que varia de R\$ 0 a R\$ 100.

A **B3** já pediu à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) autorização para outros dois contratos, ligados ao PIB e ao IPCA, e o regulador concordou desde que sejam para o investidor profissional. Essa é uma barreira que Paiva acredita que no tempo vai ser rompida, assim como já ocorreu com os BDRs, recibos de ações estrangeiras negociados na bolsa local, que inicialmente eram para o público qualificado, com mais de R\$ 1 milhão, e desde 2020 foram estendidos para o varejo. “Se não acontecer no Brasil, o investidor vai para fora.”

“Como eu coloco o investidor no longo prazo? Convidando-o para entender o que é investimento, juros, taxa de câmbio”

— Felipe Paiva

Embora semelhantes às opções tradicionais, os contratos de eventos se diferenciam pelo pagamento fixo, potencial de ganho conhecido no início da operação e risco limitado para compradores e vendedores.

“A geração Z é o nosso próximo cliente e ela é mais imediatista, é difícil convencer o jovem a comprar ações para ficar dez anos, esse investidor pensa em três meses, 45 dias”, diz um executivo do setor financeiro que pretende desbravar o mercado de eventos.

Esse interlocutor conta que as corretoras estrangeiras, como Kalshi e Polymarket, estão ansiosas para conquistar o brasileiro e que se as locais não se mexessem, esse dinheiro ia simplesmente escapar. “É melhor que esse mercado esteja regulado com o ‘know your client’ [conheça o seu cliente], regras antilavagem de dinheiro, ou essa turma vai gastar bilhões em marketing e levar o dinheiro para fora e sem pagar imposto.” Ele cita que em interação com pares do setor financeiros, há dados razoáveis de recursos que têm sido transferidos para empresas que atuam no mercado preditivo no exterior.

Enquanto a regulação local não se desenrola, a XP passou a ser um polo de indicação de clientes para a Kalshi via Clear para quem abre a conta internacional. Começou com um menu de 60 ativos, que desafiam o investidor a responder sim ou não para questões relacionadas ao nível que o S&P500 vai fechar em 2026, o próximo movimento de alta de juros pelo Fed, quando o bitcoin vai bater os US\$ 150 mil, a valorização do dólar/real no ano. Temas relacionados ao Brasil devem ser incluídos, a exemplo de taxa de desemprego e inflação, antecipou Lara ao **Valor** quando fechou a parceria com a plataforma brasileira.

Como tudo acontece lá fora via XP International, o enquadramento de perfil do investidor - o “suitability” - segue a conformidade da regulação americana, diz Lucas Rabechini, diretor de produtos financeiros da XP. Nos EUA, as negociações foram liberadas para o público de varejo. Aqui, a XP tem exigido que o cliente seja classificado como agressivo, que é o típico na base da Clear, usada por quem faz compra e venda de ativos no mesmo dia, o “day trader”.

Em pouco mais de um mês de negociações, a receptividade tem sido boa, mas o executivo evita fazer projeções do mercado potencial. Rabechini diz que o grupo ainda estuda a viabilidade de colocar a alternativa da Kalshi para as demais marcas, XP e Rico. “A gente só vai ofertar se tiver ‘fit’ com o que o cliente precisa e está nos pedindo, se houver essa adesão, provavelmente vai avançar.”

O BTG resolveu criar uma plataforma própria, a BTG Trends, a fim de dar uma experiência fluida no seu próprio ambiente de negociações, valendo-se do arcabouço dos derivativos de balcão. Inicialmente, tem feito testes com clientes de perfil arrojado para contratos de probabilidades aplicadas a ativos como dólar, Ibovespa e decisões de política monetária.

Num mundo mais volátil, a leitura dos interessados é que o mercado preditivo vem para fechar uma lacuna, oferecendo oportunidades para o cliente especular ou se proteger de determinados eventos - e é isso que forma a liquidez. É um segmento que vem ganhando tração lá fora, com temas diversos, que vão de eleições, a eventos geopolíticos, esportivos e entretenimento. Essa tendência, inevitavelmente, seria replicada no Brasil.

Rabechini, da XP, não acha que o mercado preditivo vá roubar liquidez de outros segmentos. “Isso cria mercado porque os ativos são complementares a outros da **B3**, a ‘canibalização’ não deve ser um fator relevante”, afirma. Ele também não vê relação com as bets e imagina que o público seja aquele que de alguma forma já está letrado nos investimentos financeiros.

Paiva, da **B3**, descarta a hipótese de que o mercado preditivo vá tirar o brasileiro da trilha do investimento planejado, de construção de patrimônio. “Como eu o coloco no longo prazo? Convidando-o para entender o que é investimento, juros, taxa de câmbio”, diz. “As finanças comportamentais ensinam que a melhor forma de aprender é possuindo o instrumento, o ativo. Quando ele tem uma ação da Petrobras e cai um dividendo, ele vai querer saber o que é aquilo.”